

RIOLUZ 2009

Assembléia define rumo da Campanha

Na reunião de ontem, a empresa já corrige o tíquete-refeição, aumenta o prazo de desconto do empréstimo de férias e material escolar para oito vezes.

Isto acontece após insistência do Sintergia e a decretação de estado de greve pelos trabalhadores, porque na penúltima rodada de negociação a empresa mostrou-se intransigente em oferecer apenas reajuste de 5,77% a título de correção salarial, sem correção dos benefícios.

A proposta de agora ainda está aquém das necessidades dos trabalhadores e o Sintergia continua insistindo na implantação do PCCS como forma de corrigir as distorções salariais e de desvio de função atualmente existentes na RioLuz.

A implantação do Plano de Carreiras, Cargos e Salários (PCCS) — que custaria apenas 10% da folha — acabaria com desmandos como a utilização de mão de obra sem o devido preparo, ocasionando com isto desvios de funções e criando um passivo trabalhista de dimensões ainda não avaliadas, aumentando cada

vez mais o descontentamento dos trabalhadores e aprofundando a falta de oportunidades a quem tem dado seguidas demonstrações de empenho e dedicação à empresa.

Se a prefeitura desse oportunidade ao seu quadro de pessoal, isto tranquilizaria os trabalhadores, dando-lhes perspectivas, mas percebe-se, claramente, que o objetivo é o de cada vez mais terceirizar os serviços prestados à população carioca, notadamente quando se nega melhorias salariais e de condições de trabalho a já tão sofrida mão de obra dos empregados, que veem nas discussões do ACT a possibilidade de melhorias.

Mas diante das negativas do poder público, fica claro que os trabalhadores precisam se posicionar, pois este é o momento adequado de demonstrar a sua insatisfação.

É fundamental que continuemos mobilizados e atentos para a convocação do Sindicato a qualquer momento.

Prefeitura quer privatizar empresa

Mais do que nunca, precisamos estar alertas porque a Prefeitura apresentou projeto de lei à Câmara de Vereadores com a finalidade de passar os serviços da RioLuz para a Light. O PL prevê a cobrança de R\$ 3,50 nas contas de luz pelo serviço iluminação pública e os devidos reparos.

A contradição é que existe trabalho apresentado pelo quadro técnico da empresa, onde com o mesmo valor cobrado no IPTU permitiria que tivéssemos uma empresa-modelo, com orçamento próprio sem necessitar do tesouro municipal, a exemplo do que ocorre com a Comlurb.

Até parece que a RioLuz nada em dinheiro

Mais uma contradição envolvendo a RioLuz. Informações dão conta de que mais de R\$ 3 milhões que a empresa receberá de litígio com a Oi serão utilizados em obras na cidade.

Até parece que a RioLuz é superavitária e não precisa de dinheiro.

Intensificação do trabalho tem provocado doenças “coletivas”

Evento realizado pela Fundação Jorge Duprat Figueiredo de Segurança e Medicina do Trabalho (Fundacentro) abordou as principais causas da intensificação do trabalho e suas consequências para os trabalhadores

São Paulo (SP) - Cobranças que se aproximam do assédio moral, metas extremamente puxadas, ritmo acelerado e pagamento por produção. Essas são algumas das práticas que vêm sendo utilizadas pelos empregadores brasileiros apresentadas durante o seminário “O processo de intensificação do trabalho sob diferentes olhares”, realizado nesta quarta-feira (27), pela Fundação Jorge Duprat Figueiredo de Segurança e Medicina do Trabalho (Fundacentro), órgão vinculado ao Ministério do Trabalho e Emprego (MTE).

A intensificação do trabalho traz consequências para a saúde dos empregados: estudos apontam que novas doenças estão sendo desenvolvidas no trabalho. Não se tratam de doenças individuais, ou seja, sua origem, destacam especialistas no tema, se encontra na organização do trabalho. “Em muitas ocupações, a organização é muito parecida. Há sempre o controle do tempo e a cobrança por maior produção com menor custo. Elementos da organização industrial são utilizados também no setor de serviços”, aponta Selma Venco, socióloga da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp).

O tema da intensificação do trabalho não é muito debatido, principalmente entre as empresas. “Elas não querem evidenciar o assunto”, aponta Leda Leal Ferreira, ergonomista da Fundacentro. A pesquisadora lembra que, para o movimento sindical, o assunto não é prioridade diante das duas principais bandeiras das entidades: aumento de salários e manutenção dos empregos.

“Ainda não temos definido como medir a intensidade do trabalho. O caminho talvez seja mensurar a carga de trabalho, o esforço necessário para executá-lo, a fadiga do empregado”, sugere Leda. A pesquisadora afirma que a melhor forma de caracterizar o trabalho intenso é analisar o trabalho e ouvir os empregados. A ergonomista vem escutando trabalhadores há mais de 30 anos. Ela garante: eles estão trabalhando mais do que antes.

Causas e consequências

Durante o seminário foram apontadas causas da intensificação do trabalho, como a política de redução do número de funcionários, ritmos acelerados da produção, redução da jornada de trabalho mantendo a mesma

produção, múltiplas funções e trabalho por produtividade. “O patrão cobra uma intensidade maior para o empregado dar conta da produção”, diz Leda.

“A conjuntura social ou a vulnerabilidade fazem com que os trabalhadores aceitem qualquer trabalho”, conclui Selma, socióloga da Unicamp. “Em nome da crise, algumas empresas aproveitaram para demitir, intensificar o trabalho, pressionar os empregados para produzir mais”.

As empresas têm cobrado uma produção cada vez maior dos empregados com menor custo. Em muitos casos, o número de trabalhadores é inferior ao que a atividade necessita para ser executada. O sentimento de estar sempre apressado é recorrente entre os trabalhadores, continua Selma. “Trabalhar sob urgência é por si só uma péssima condição de trabalho”. Outra forma utilizada pelo empregador para intensificar o trabalho é a sobreposição de tarefas, ou seja, a imposição de diferentes tarefas ao mesmo tempo.

A socióloga conferiu as condições de trabalho de atendentes de telemarketing e constatou situações extremas de intensificação. O coordenador de equipe de uma das empresas pesquisadas chegava a bater nos atendentes com uma vara, cobrando que a meta fosse atingida. Em muitos casos, o uso do banheiro é controlado. “É preciso pedir autorização do chefe para ir ao toalete. O grau de humilhação é muito alto”.

O individualismo também é estimulado pelos coordenadores em diversas profissões pesquisadas. “Quando um sujeito não se sente parte do coletivo, ele não é capaz de exigir seus direitos e dignidade dentro do ambiente de trabalho”, lembra a socióloga Selma, da Unicamp.

Pesquisadores apontaram os principais problemas entre os reflexos na saúde: síndrome do pânico, depressão, problemas músculo-esqueléticos e cardiovasculares. “Há casos extremos de suicídios de engenheiros e empresários, além de mortes de cortadores de cana-de-açúcar”, lembra José Marçal Jackson filho, ergonomista da Fundacentro.